



Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2019

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I62 Investição científica nas ciências humanas e sociais aplicadas
[recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. –
Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação
Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-267-8

DOI 10.22533/at.ed.678191604

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades – Pesquisa –
Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os artigos reunidos retratam o objetivo proposto na organização deste livro que é demonstrar resultados de pesquisas que envolvam a investigação científica nas áreas da Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, sobretudo, que envolvam particularmente a educação, a administração e o direito.

O livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” está organizado em 03 volumes. Este 1º volume reúne um total de 24 artigos, sendo na 1ª parte, 10 artigos voltados especificamente para as Ciências Humanas, com destaque especial à história da educação, educação especial, literatura, Libras, estudos de casos, história e sociologia.

E na 2ª parte, voltada às Ciências Sociais Aplicadas, temos 10 artigos que irão discutir temas como o marketing empresarial, propostas de inovação de processos, gestão social, contabilidade e gastronomia, seguidos por mais 04 artigos que apresentam debates e resultados dentro do contexto jurídico com temas, por exemplo, sobre a imigração no Brasil e militarização das políticas públicas.

Os textos são um convite a leitura e reúnem autores das mais diversas instituições de ensino superior do Brasil, particulares e públicas federais e estaduais, distribuídas entre 14 estados, com destaque ao Estado do Ceará, que mais contribuiu neste 1º volume.

Assim fechamos este 1º volume do livro “Investigação Científica nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” e esperamos poder contribuir com o campo acadêmico e científico, socializando resultados de pesquisas e inovações e dando continuidade a disseminação do conhecimento.

Boa leitura!

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme

CAPÍTULO 1	1
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS COM AUTISMO	
<i>Roger Freitas da Costa</i>	
<i>Denize de Melo Silva</i>	
<i>Marcos Antônio Martins Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916041	
CAPÍTULO 2	6
A LENDA DO DRAGÃO CÍCERO: PROJETO DE LIVRO INFANTIL	
<i>Hélio Parente de Vasconcelos Neto</i>	
<i>Thaís Urano de Carvalho Ferreira</i>	
<i>Ranielder Fábio de Freitas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916042	
CAPÍTULO 3	13
ENTRE LEMBRANÇAS E RUÍNAS: A CASA-DEGRADAÇÃO NO LIVRO DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM	
<i>José Airton Nascimento Diógenes Baquit</i>	
<i>Karla Patrícia Martins Ferreira</i>	
<i>Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco</i>	
<i>Rochelle de Arruda Moura</i>	
<i>Sylvia Cavalcante</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916043	
CAPÍTULO 4	20
WORKSHOP DE LIBRAS: PERCEPÇÃO DO ALUNO PARTICIPANTE COM A MEDIAÇÃO DO MONITOR	
<i>Ana Rebeca Medeiros Nunes de Oliveira</i>	
<i>Deborah Eduardo Saraiva</i>	
<i>João Carlos Memória Machado</i>	
<i>Willer Cysne Prado e Vasconcelos</i>	
<i>Chrystiane Maria Veras Porto</i>	
<i>Marilene Calderaro Munguba</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916044	
CAPÍTULO 5	27
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: ANÁLISE DA QUEIXA DE CRIANÇAS DO 3º ANO DE ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO VELHO-RO E ELABORAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE SUPORTE	
<i>Ana Paula de Souza Medeiros</i>	
<i>Fátima Queiroga</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6781916045	

CAPÍTULO 6 40

CAMADAS DE MEMÓRIA ENTRELAÇADA DA ESCOLA DE MÚSICA E DO AUTOMÓVEL CLUBE DO BRASIL

Romulo Augusto Pinto Guina
Patricia Luana Costa Araujo
Karolyne Linhares Longchamps Fonseca
Evelin Gomes de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6781916046

CAPÍTULO 7 56

O ENSINO DA CULTURA ATRAVÉS DO VIDEOGAME – ESTUDO DE CASO DO JOGO NEVER ALONE

Hélio Parente de Vasconcelos Neto
Maria Aurileide Ferreira Alves

DOI 10.22533/at.ed.6781916047

CAPÍTULO 8 66

O GTDN E A PROPOSTA DE DESINTEGRAÇÃO DO CAMPESINATO COMO CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO NORDESTE

Francisco Antonio da Silva
Alba Maria Pinho de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.6781916048

CAPÍTULO 9 85

DESCORTINANDO UM BAIRRO: NARRATIVAS HISTÓRICAS, CARACTERÍSTICAS GERAIS E REFERÊNCIAS SIMBÓLICAS DO BAIRRO BENFICA, FORTALEZA-CE

Suiany Silva de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.6781916049

CAPÍTULO 10 99

ENSAIO SOBRE AS METAMORFOSES DOS CORPOS DOS MORADORES DE RUA EM CUIABÁ: CORPO CARACOL, CORPO SUPORTE E CORPO DISSOLVENTE

Juliano Batista dos Santos
Alyne Ramos de Campos dos Santos
José Serafim Bertoloto

DOI 10.22533/at.ed.67819160410

PARTE II - CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

CAPÍTULO 11 113

A CONFIGURAÇÃO DO SISTEMA LOCAL DE INOVAÇÃO DE JUIZ DE FORA SOB A PERSPECTIVA DA TRIPLE HÉLICE

Nayara Gonçalves Lauriano
Cássia Viviani Silva Santiago

DOI 10.22533/at.ed.67819160411

CAPÍTULO 12	129
CONTRIBUIÇÕES AO EXPOSURE DRAFT ED/2013/9 – IFRS FOR SMES: PROPOSTAS DE MUDANÇAS PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS	
<i>Marco Túlio José de Barros Ribeiro</i>	
<i>Aline Rúbia Ferraz de Freitas</i>	
<i>Luiz Carlos Marques dos Anjos</i>	
<i>Umbelina Cravo Teixeira Lagioia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160412	
CAPÍTULO 13	149
MARKETING E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS FITOSSANITÁRIOS NO AGRONEGÓCIO DO CENTRO SUL CEARENSE	
<i>Ednael Macedo Felix</i>	
<i>João José Anselmo dos Santos</i>	
<i>Hudson Josino Viana</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160413	
CAPÍTULO 14	166
INOVAÇÃO POR DIFERENCIAÇÃO: UMA ESTRATÉGIA DE MARKETING PARA AS ACADEMIAS DO RIO DE JANEIRO	
<i>Fabrcio Pereira Privat</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160414	
CAPÍTULO 15	181
ELEMENTOS QUE FRAGILIZAM O ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E EMPREENDEDOR – CASOS DA INCUBADORA PIEBT DE BELÉM (UFPA) E DA ARCA MULTINCUBADORA DE CUIABÁ (UFMT)	
<i>Ivana Aparecida Ferrer Silva</i>	
<i>Patricia Cristiane de Souza</i>	
<i>Iara Neves Oliveira</i>	
<i>Thairiny Alves Valadão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160415	
CAPÍTULO 16	197
GESTÃO SOCIAL: PRÁTICAS ADOTADAS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NO CAMPUS MINISTRO REIS VELLOSO	
<i>Antevânia Queiroz de Abreu</i>	
<i>Dayvid Diego Aragão de Brito</i>	
<i>Francisco Aurílio Vieira</i>	
<i>Mara Águida Porfírio Moura</i>	
<i>Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160416	
CAPÍTULO 17	206
RESPONSABILIDADE SOCIAL VIA PROJETO REVIVER DO CARIRI	
<i>Amanda Rávilla Valério Xavier</i>	
<i>Marcus Vinicius de Oliveira Brasil</i>	
<i>Raiane de Alencar Alves</i>	
<i>Tiago Esmeraldo Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160417	

CAPÍTULO 18	213
PERICIA CONTÁBIL: ESTUDO DA TABELA PRICE E A COBRANÇA DE JUROS SOBRE JUROS	
<i>Fernanda Regina Manoel</i>	
<i>João Vitor Dos Santos Ramos</i>	
<i>Thiago Gonçalves de Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160418	
CAPÍTULO 19	225
GASTRONOMIA SOCIAL: UMA ANÁLISE SENSORIAL DE PÃES PRODUZIDOS NO CURSO DE PANIFICAÇÃO	
<i>Barbara Cassetari Sugizaki</i>	
<i>Ilana das Neves Barbosa</i>	
<i>Eveline de Alencar Costa</i>	
<i>Aline Kessia Ferreira Marques</i>	
<i>Eduardo Torres Ferreira</i>	
<i>Vanessa Noronha Freire</i>	
<i>Rafael Queiroz Gurgel do Amaral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160419	
CAPÍTULO 20	231
CONCEPÇÃO CONCEITUAL DE SISTEMA DE ARMAZENAMENTO E PREPARO DE REFEIÇÕES PARA CAVALOS MECÂNICOS	
<i>Eros S. R. Rocha</i>	
<i>Mikael Lopes</i>	
<i>Marcelo G. Teixeira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160420	
CAPÍTULO 21	242
A IMPORTÂNCIA DA IMIGRAÇÃO NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA	
<i>Eduardo da Costa Kerber</i>	
<i>Renato Duro Dias</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160421	
CAPÍTULO 22	254
POR QUE NÃO FAZER DIFERENTE? A PERSISTÊNCIA DA MILITARIZAÇÃO NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO RIO DE JANEIRO	
<i>Walter José Moreira Dias Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160422	
CAPÍTULO 23	264
PROIBIÇÃO DAS DECISÕES SURPRESA À LUZ DO PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO INTERSUBJETIVA	
<i>Rafaela Soares Ramos Falcão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160423	

CAPÍTULO 24	273
PROJETO DITADURA NUNCA MAIS: 50 ANOS DO GOLPE CIVIL-MILITAR DE 1964 <i>Sarah Antunes Dorcino</i>	
DOI 10.22533/at.ed.67819160424	
SOBRE O ORGANIZADOR	277

DESCORTINANDO UM BAIRRO: NARRATIVAS HISTÓRICAS, CARACTERÍSTICAS GERAIS E REFERÊNCIAS SIMBÓLICAS DO BAIRRO BENFICA, FORTALEZA-CE

Suiany Silva de Moraes

Laboratório de Estudos da Violência (LEV)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Fortaleza – Ceará

RESUMO: O objetivo desse artigo é compreender os aspectos históricos e gerais do contexto de ocupação do bairro Benfica, Fortaleza, Ceará, que geraram dois bairros em um só: o de classe média e o periférico. Analisar o bairro a partir de suas expressões e vivências heterogêneas nos seus mais diversos espaços simbólicos. Dessa forma, o trabalho aponta as fases de ocupação do bairro, analisando aspectos ainda impressos nas fachadas e nas ruas, buscando os aspectos de definição geográfica em comparação com narrativas de moradores e frequentadores do bairro. Por fim, a pesquisa faz uso de ferramentas qualitativas e documentais na sua construção.

PALAVRAS-CHAVE: Urbano. Bairro. Narrativas históricas. Belle Époque.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da

Universidade Federal do Ceará (PPGS/UFC) que resultaram em uma monografia e uma dissertação. Abrangendo uma pesquisa maior, os elementos aqui apresentados constituem uma de suas etapas ao abordar os aspectos sociais e históricos do bairro, tais como: as fases de ocupação, as mudanças nos perfis de moradias, suas dualidades marcantes, os espaços simbólicos e os conflitos que marcam o local.

A metodologia utilizada buscou privilegiar tanto os aspectos históricos e documentais, tais como: teses, dissertações, artigos, notícias de jornal, dados oficiais e um conjunto de dados secundários; como os aspectos etnográficos, próprios da experiência sensível, interessando alguns casos individuais e os detalhes significativos que permitiram traçar narrativas históricas diversas acerca do bairro, das comunidades, bem como os espaços simbólicos e das histórias de vida que perpassam o local.

Analisar um bairro é pensar a diversidade de suas expressões e vivências heterogêneas, isto é, pensar o espaço urbano como um conjunto complexo de redes de interações sociais diversas, onde os espaços são praticados, vividos e dotados de sentido (BARREIRA, I. 2016). Pensando dessa forma, este artigo objetiva situar o leitor nos aspectos

gerais do bairro Benfica, tal como definição geográfica, dados estatísticos oficiais; nos aspectos históricos e culturais do bairro, como seu processo de ocupação e formação; os lugares de importância física e simbólica, onde o conflito, a delinquência e as dinâmicas do crime, como o comércio de drogas ilícitas, dividem espaço com sociabilidades e circuitos diversos; e as comunidades periféricas, locais de moradias de baixa renda, onde coexistem diversas modalidades de ilegalismos e que compõem esse bairro tão complexo e plural.

O bairro do Benfica é visto como histórico, tradicional, universitário e residencial, perpassado por uma noção periférica desde a sua ocupação. O processo de povoamento da cidade de Fortaleza teve início na praia, passando pelo Centro, Jacarecanga e foi se expandindo até chegar no Benfica. Nesse período, o bairro era considerado um lugar periférico desse espaço povoado, sobretudo entre 1600 e 1850. Essa característica vai mudando ao longo do tempo com a ocupação de outros espaços ao longo do território da cidade, transformando o Benfica em um bairro central e de classe média. Contudo, o bairro continua apresentando aspectos periféricos quando pensamos nas suas comunidades "[...] como lugares híbridos e heterogêneos de um cotidiano compartilhado por sujeitos que vivem na adversidade e na busca por justiça social e por direitos sociais e direitos sobre a cidade [...]" (IVO, 2010, p. 10). Dessa forma, o bairro também passa a ser considerado periférico não mais no sentido de estar situado nas margens, mas no sentido de ser povoado por comunidades com características periféricas, tanto sociais como econômicas, contrastando assim, com suas características gerais de um bairro de classe média.

Caracterizado por uma particular multiplicidade de pessoas em comparação com os outros bairros de Fortaleza, apresenta um fluxo de atores sociais (estudantes, moradores, *hippies*, estrangeiros, dentre outros) que movimentam, dentro de uma gama de elementos, os espaços da Universidade Federal do Ceará -UFC; um circuito de lazer próprio (bares, *shopping*, praças, estádio e etc.); e um comércio varejista de drogas. Costuma ser bastante lembrado por cinco aspectos: a importância histórica para a cidade, por ser reduto cultural, pelo aspecto esportivo, por suas características estudantis e pela crescente sensação de insegurança, associado, principalmente, as execuções decorrentes das disputas do crime faccionalizado.

Localizado a 3km do centro de Fortaleza, tem início na Faculdade de Direito e seu fim na Avenida Eduardo Girão. Engloba ainda parte da Avenida dos Expedicionários, Avenida do Imperador que tem como continuação a Avenida Carapinima, chegando até a Avenida José Bastos em seu cruzamento com a Avenida Padre Cícero. É cortado por duas Avenidas de grande circulação da cidade: Avenida 13 de Maio e Avenida da Universidade. Todas de grande relevância na vida cotidiana da cidade e região. Apesar de cortados por ruas com boa infraestrutura e de acesso central, o bairro é segregado internamente: de um lado moradores de classe média, concentrados, em sua maioria, na parte denominada Gentilândia; do outro, moradores de baixa renda das comunidades, concentradas na porção denominada Benfica. Há uma segregação

espacial não vista à primeira vista no bairro, com infraestrutura urbana e de serviços diversos de um lado e com pouca ou nenhuma infraestrutura no outro; e assim, por polarizações, um Benfica em conflito vai se aprofundando.

Guarda ainda a peculiaridade de ter um bairro dentro de um bairro, isto é, a demarcação oficial do bairro Gentilândia engloba ruas que estão também na demarcação oficial do bairro Benfica. O bairro Gentilândia, criado oficialmente em 24 de julho de 2000, segundo o Diário Oficial do Município de Fortaleza, é considerado um dos menores bairros da Cidade e ocupa uma parte do espaço do Benfica (conforme pode ser visto no mapa 01), correspondendo ao quadrilátero entre as Avenidas da Universidade, Treze de Maio, Expedicionários e Eduardo Girão. Contudo, não há uma separação efetiva, visto que ambos utilizam a mesma rede de serviços públicos e privados que a divisão geográfica do bairro Benfica engloba. A parte chamada de Gentilândia, em destaque mais claro no mapa acima, é considerada a parte “mais nobre do bairro”, juízo de valor apontado nas narrativas dos próprios moradores; enquanto o local em destaque verde no mapa compreende a porção do bairro mais modesta, com moradias de perfil simples. O trecho alaranjado do mapa compreende a parte mais comercial do bairro, com escolas, *shoppings*, clínicas, etc.; além de casas históricas. É nos trechos em verde e laranja que se localizam as comunidades mais pobres do bairro.



MAPA 01

MAPA DO BAIRRO BENFICA. FONTE: FERREIRA (2008)

Segundo dados disponíveis no *site* da Prefeitura de Fortaleza, o bairro possui

um IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) médio de 0,664, tem uma área total de 1,431km², boa cobertura de serviços de infraestrutura, tais como: lixo, com coleta de 99,01% dos resíduos produzidos; água, onde 90,01% dos domicílios estão ligados a rede de abastecimento; luz, com 99,51% dos domicílios atendidos; e esgoto, onde 90,01% das casas estão ligadas à rede geral. Sua população é composta, majoritariamente, por jovens e idosos (IBGE, 2010) na faixa etária de 15 a 29 e 50 a 64 anos, atingindo um percentual de 76,7% do total de habitantes. Em relação à população residente é maior a presença de mulheres, são 5.142 de um total de 8.970 habitantes.

Uma das principais características do local está na abundância de mangueiras que podem ser observadas espalhadas ao longo do bairro, seja nas propriedades particulares, nas praças ou até no meio da rua. Segundo o Mapeamento das Áreas Verdes de Fortaleza, 0,2 km² do bairro é composto por vegetação, o que representa 14% do território. Contudo, esse local é marcado por conflitos diversos, muitos deles gerados a partir das tensões entre o passado e o presente, o Benfica de ontem e de hoje. Nas narrativas por parte dos moradores de lugares com maior infraestrutura do bairro, é apresentado um bairro histórico que vem se degradando e tornando-se violento ao longo do tempo. Entretanto, nas narrativas dos moradores antigos das comunidades mais pobres do bairro, a fala da degradação já aparece como algo presente no cotidiano e vindo de longas datas. Por fim, esses e outros elementos fazem do Benfica um espaço de diversidade e lugar de encontro de gerações.

2 | DA BELLE ÉPOQUE AOS DIAS ATUAIS

O contexto de ocupação histórica da cidade de Fortaleza iniciou-se em meados de 1600, no entanto, somente com a crise do abastecimento internacional, originada a partir da guerra civil americana, a cidade torna-se de primeira ordem e importância dentro do Estado no século XIX. Dessa forma, a abertura de Fortaleza para o mar, nesse período, potencializou a cultura algodoeira, reforçando o fluxo de barcos e de transportes diversos, permitindo a afirmação da capital no quadro urbano do Estado. (PEQUENO, 2009). O bairro Benfica surge nesse contexto de urbanização da cidade e tem relação direta com a história econômica, cultural e educacional de Fortaleza.

Com a recuperação da economia do estado, afetada pela estiagem no final do século XIX, houve o deslocamento das classes sociais mais abastadas em direção à periferia do centro da cidade, a fim de afastarem-se do comércio. Esse movimento foi favorecido pelo conforto e pela rapidez proporcionados pelo sistema de transportes com as linhas de bondes elétricos e automóveis particulares movidos à gasolina. A expansão dos espaços de moradia se deu a partir do deslocamento das classes mais abastadas para o lado oeste da cidade, com o bairro Jacarecanga, e para o sul, na direção da estrada de Arronches, atual Parangaba, constituindo uma área destinada ao descanso no Benfica. (PEREIRA, 2009, p. 51).

O bairro Benfica começou a se constituir no final século XIX e recebeu esse nome

em referência ao sítio Bem-fica, ocupado por José Paulino Hoonholtz, encarregado pelo Governo Provincial de projetar e construir o primeiro sistema de encanamento de água potável de Fortaleza, a ideia da Província era fazer uso das fontes de água do bairro. Já em 1892 os documentos oficiais dão conta do local pelo nome de Benfica, marcando um novo momento com a chegada de novos moradores e a construção do *boulevard* Visconde do Cahuype. O local era considerado espaço de "bem viver" e "bem morar" (NOGUEIRA, 2007). Sua população era aristocrática e o bairro considerado nobre.

Nogueira (2007) aponta três fases distintas na ocupação do bairro: a fase das chácaras, ocupações do século XIX, ainda no período do Governo Provincial, que marcavam o que se poderia caracterizar como uma zona rural em Fortaleza, ou uma zona periférica, com extensos pomares e casas recuadas; o segundo momento, até 1930, surgem os ares aristocráticos do bairro, com o loteamento das áreas ocupadas pelas famílias Gentil, Manços Valente e Sabóia, com grandes mansões, extensas áreas de jardins. Essa fase caracteriza-se ainda pela abertura de ruas e construção de vilas, tais como Vila Antônio de Souza, Vila Demétrio, Vila Apertada Hora, Vila Campelo, Vila Alegre, Vila Arteiro e Vila Gentil (IDEM, 2007), é também nesse momento que surgem as comunidades de baixa renda do bairro; e, posteriormente, a chegada da Universidade Federal do Ceará, em 1956, que reconfigura o lugar inserindo novos sujeitos no cotidiano dos moradores e complexifica as dinâmicas de sociabilidade no local, gerando uma cisão entre o Benfica de ontem e de hoje.

O Benfica era um dos bairros mais aristocráticos de Fortaleza, juntamente com o Jacarecanga, no período compreendido entre o final do séc. XIX até o final da década de 40. Isso aconteceu quando as famílias de alto poder aquisitivo começaram a sair do centro da cidade e se instalaram no bairro. Assim, logo surgiram casas mais refinadas, com bangalôs, sobrados, piscina, jardins e quintais, que serviam de residência a moradores ilustres e da alta sociedade de Fortaleza.

A chegada da família Gentil marca uma nova fase na história do bairro. A antiga chácara Garcia passava a ser chamada de chácara Gentil. O rico morador, dono do Banco Frota e Gentil, construiu uma cidade dentro do nascente bairro Benfica: desmembrou a chácara para compor os quarteirões, as ruas e as praças do bairro. Do espaço construído uma parte foi separada para a moradia da sua própria família e a outra foi alugada para famílias de classe média, imprimindo dessa forma um novo aspecto cultural, histórico e arquitetônico no bairro. Parte dessa estrutura foi desapropriada posteriormente pelo poder público dando origem às praças e algumas das principais ruas de acesso do bairro.

O campus da Universidade Federal do Ceará - UFC foi instalado no bairro em 26 de junho de 1956 e motivou uma série de modificações, a começar pela estrutura física. A Universidade adquiriu imóveis por toda a extensão do bairro, muitos deles palacetes antigos datados da época da primeira fase de ocupação do bairro, utilizando eles para a criação dos seus centros de aulas. Prédios onde hoje funcionam as Casas

de Cultura francesa, britânica e alemã eram residências de famílias como os Bráulio Lima, Tomaz Pompeu Magalhães e Francisco Queiroz Pessoa (PEREIRA, 2008); em frente, o Centro de Humanidades II, era a residência de um dos irmãos Gentil, Antônio, e deu lugar ao Centro de Esportes Universitários (CEU) e a residência de João Thomé Sabóia, da qual ainda resta o observatório, é hoje o Centro Acadêmico de Psicologia; a Reitoria era o palacete do patriarca José Gentil; e, onde hoje fica o curso de Ciências Sociais, outrora era a residência do seu filho João Gentil.

A chegada da UFC imprimiu uma nova marca no bairro, além de valorizá-lo. Antes reconhecido como espaço residencial e tranquilo, passou a ser visto como bairro universitário, trazendo novos atores sociais, estudantes, jovens, empreendedores e etc., que se integraram ao bairro e passaram a construir um cenário diferenciado. Surge ainda uma série de novas atividades econômicas em torno da Universidade, este comércio era voltado para atender a demanda dos estudantes que passaram a fazer uso desse espaço. Destacam-se os variados bares, mercadinhos e a modificação dos tipos de residências, com a construção de quitinetes para atender a demanda estudantil.

A cultura do bairro passa a se entrelaçar com a Universidade, chegando está a debater a criação de um corredor cultural, tendo a UFC como um "[...] lócus de produção de cultura que se irradia para o restante de Fortaleza, diferenciando o Benfica de outros bairros da capital cearense. ” (PEREIRA, 2008, p. 82). Em um primeiro momento consta no Plano Diretor do Campus Universitário, datado de 1982, esse projeto de corredor cultural, onde no bairro se dariam apenas as atividades da Universidade relacionadas à cultura e extensão; em um segundo momento, em 1992, a UFC refaz a proposta com o objetivo de transformar a Avenida da Universidade em corredor cultural. Esse projeto só foi concretizado no ano de 2017 com a criação do "Corredor Cultural do Benfica" promovido pela Universidade. Assim sendo:

A instalação da universidade pode ser interpretada como acontecimento culminante para modificar a definição do bairro residencial para tradicional. Ressalta-se que a modificação apontada não se dá de uma vez ela ocorre à medida que o Benfica vai sendo reconhecido como universitário pelos novos sujeitos e pelos moradores antigos, sem excluir o antigo reconhecimento. Há um passado no presente [...]. (PEREIRA, 2008, p. 78)

3 | ESPAÇOS SIMBÓLICOS DO BAIRRO

O bairro se configura como um espaço vivido de múltiplas formas por indivíduos que moram e/ou frequentam e se sentem reconhecidos no local. Imprimem suas marcas, entrelaçando suas vivências e histórias de vida com a do próprio bairro, gerando contradições em alguns casos e sintonias em outros. O Benfica, em especial, tem apropriações diversas, com um circuito de lazer próprio, uma identidade estudantil, celeiro de produção cultural, social e política, mercados legais e ilegais, oriundos da

multiplicidade de espaços públicos e privados que compõe a dinâmica local.

Abriga o Instituto Federal Tecnológico do Ceará (IFCE), que conta com cursos técnicos, técnicos integrados, bacharelado, licenciatura e mestrado; e o Centro de Línguas Estrangeiras do Ceará (CLEC), com cursos de inglês, francês e espanhol. Além disso, há a presença de algumas escolas de ensino fundamental, médio e técnico, públicas e privadas, como Instituto Mascote, Colégio Adventista de Fortaleza, Cepep Escola Técnica, Escola de Ensino Fundamental Centro dos Retalhistas e o Colégio Christus. A identidade estudantil é uma marca muito presente no bairro, sendo este configurado como um *ethos* intelectual universitário, e sempre lembrado por esse aspecto (VELHO, 2013). Ademais, há um circuito de lazer (MAGNANI, 2007) próprio e grupos sociais específicos que não podem ser vistos de maneira independente, mas sim, a partir de uma gama de conexões e contatos que estabelecem entre si e entre os espaços urbanos ocupados.

Em relação à espiritualidade, há instituições religiosas ligadas a Igreja Católica, como a Igreja dos Remédios, Instituto das Filhas de São José e o Dispensário dos Pobres, que faz parte da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paula; as Igrejas Evangélicas Sara Nossa Terra e Verbo da Vida; e os Centros Espírita Francisco de Assis e Irmão Leite, além da organização *Seicho No Ie*.

A Universidade Federal do Ceará ocupa 13 hectares do bairro, sendo compostas por órgãos internos acadêmicos e administrativos, como a Reitoria, as Pró-Reitorias de Planejamento, Extensão, Administração e Assuntos Estudantis; Superintendência de Recursos Humanos; os Centros de Humanidades I (onde se localiza as Casas de Cultura Estrangeira, o Departamento de Letras, a Biblioteca), II (quadra do CEU, Departamento de Psicologia e História) e III (Departamento de Ciências Sociais); o Departamento de Arquitetura e Urbanismo; a FEAAC (Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade); a Faculdade de Direito; a Faculdade de Educação; e os Centros de Humanidades I, II e III (CH1, CH2 e CH3).

Além dos espaços acadêmicos e administrativos, outros órgãos de comunicação, assistência estudantil e cultural da Universidade se espalham pelo bairro: Residências Universitárias, Restaurante Universitário, Procuradoria Geral, Auditoria Interna, Ouvidoria, Museu de Arte, Rádio Universitária, Editora, Imprensa e a Concha Acústica, que costuma ser palco dos Festivais de bandas da UFC e da colação de grau dos concludentes. O bairro abriga ainda sindicatos ligados aos docentes e servidores da Universidade, como o sindicato de trabalhadores da UFC - SINTUF e o sindicato dos professores da UFC - ADUFC.

Os espaços da Universidade são ocupados por um público diverso que de certa forma reflete a diversidade presente no bairro. Indivíduos dos mais variados bairros de Fortaleza, bem como oriundos de outros municípios, se deslocam cotidianamente para este espaço com o intuito de estudar, trabalhar, "ficar de bobeira" e consumir ou comprar entorpecentes. Há também uma mobilização em torno das atividades culturais promovidas pela Universidade, como o Festival de Cultura, Festival de Bandas e o

Corredor Cultural.

O bairro Benfica se configura como um conjunto de atração de muitas pessoas provenientes de diversas localidades e em um espaço cujos os usos são "livres". É justamente esse poder de atração que faz do bairro tão peculiar e diverso. Localizado bem próximo ao centro da cidade, é no bairro que se dão os encontros de várias tribos, sejam elas vindas das áreas nobres ou periféricas.

Há ainda um variado comércio legal, com mercadinhos, lojas, shopping, supermercados, farmácias, padarias e etc., que surgiram após a chegada da UFC no bairro e imprimem uma marca comercial forte espalhada ao longo do território. Muitos desses empreendimentos são de famílias oriundas do próprio bairro ou de cidades do interior do Estado. O que é mais marcante na paisagem do local é a variedade de bares, dos mais undergrounds, passando pelos "cults" e os chamados "pé de chinelo", que estão sempre com suas mesas lotadas, principalmente no fim da tarde e início da noite, por estudantes e trabalhadores que fazem daqueles espaços lugares de lazer e sociabilidade. Vale ressaltar que essa vivência boêmia no bairro ocorre, geralmente, de segunda a sexta, de acordo com o calendário oficial de aulas das escolas e Universidades.

Outro elemento que compõe a imagem do bairro é o Estádio Presidente Vargas, que recebe jogos do Campeonato Cearense de Futebol desde 1941; e o Ginásio Municipal Aécio de Borba, fundado em 1979. Estes fazem do elemento esporte algo muito presente no cotidiano do bairro, sendo inclusive relacionado diretamente à sensação de insegurança, relacionando os dias de jogos ao aumento da violência e da percepção de proximidade com a violência, relatando assaltos, furtos e até mesmo arrastões (MORAES, 2015).

Compõem ainda o cenário do bairro duas praças: a João Gentil e a Gentilândia. A primeira se localiza entre a Avenida 13 de Maio, Rua Waldery Uchôa, Rua João Gentil e a Rua Paulino Nogueira. É um espaço muito diverso! Vários atores sociais se encontram nesse local muito utilizado para a prática de exercícios físicos. Os conflitos na praça são, em geral, de três ordens: por um lado os moradores do entorno da praça costumam agir coagindo os frequentadores do local; por outro o tráfico do local também atua coagindo os frequentadores, principalmente com preconceitos sexual e de gênero; e por outro os moradores de rua e *hippies* que moram na praça e que agem, ora realizando a manutenção do local, ora coagindo frequentadores.

A outra, Praça da Gentilândia, se localiza entre a Rua Santo Antônio, a Rua Marechal Deodoro e é paralela à Rua Paulino Nogueira, em frente fica um posto de gasolina (que fica defronte a Avenida 13 de Maio). Nela ocorre, uma vez por semana, uma feira de rua, com barracas e venda de frutas, verduras, legumes, cereais e carnes. Ademais, há uma permanente feira gastronômica, com tendas montadas que vendem desde hambúrgueres a pratinhos de comida típica. Aqui também o público é diverso. O seu redor é formado por casas, na Rua Santo Antônio; bares e restaurantes, na Rua Paulino Nogueira; e, na Rua Marechal Deodoro, o Instituto Federal Tecnológico do

Ceará.

Essa diversidade de elementos que compõem o cenário do Bairro Benfica é utilizada e apropriada pelos atores que compõe esses lugares. Mesmo diante da sensação de risco e insegurança e do aumento das disputas territoriais com o uso de arma de fogo, as pessoas seguem fazendo uso dos locais simbólicos do bairro. Estes usos são diversos e refletem, de certa forma, uma "mistura" entre o passado e o presente, o Benfica de ontem e o Benfica de hoje. Essa dualidade faz do local um espaço com atores sociais e conflitos diversos que tem se aprofundado com o tempo e com a ideia de que o bairro está em "deterioração", é agora um local "assolado pela violência urbana".

4 | FAVELAS NO BENFICA?

O Benfica é um bairro plural com uma diversidade de atores que fazem a apropriação dos seus espaços de forma variada e a partir de usos diversos. Em geral esses espaços são vistos e problematizados tanto pelos frequentadores como pela população local. O objetivo desse item é apresentar o que é pouco ou quase nada visto no bairro: suas comunidades periféricas, isto é, suas favelas.

Apesar de características que situam o bairro como de classe média, nas cinco comunidades encontradas ao longo do seu território - Povo Guerreiro, Sumaré, Maresia, Realeza e Estrela-, as características são de comunidades periféricas tanto do ponto de vista social como econômico, sem infraestrutura e assistência pública, onde falta iluminação, saneamento básico, segurança e com baixíssimo IDH; destoando, dessa forma, com o bairro descrito nos dados oficiais. Nelas também há o domínio da criminalidade ordinária normatizando e moralizando o uso dos lugares. Nos demais espaços do bairro, no entanto, há uma ampla rede de infraestrutura urbana.

Essas comunidades têm suas formações históricas quase que simultâneas as diversas fases de ocupação do bairro. O bairro teve uma formação aristocrática, com famílias de médio e alto poder aquisitivo adquirindo imóveis ao longo do seu território; em paralelo, crescia um bairro "invisível", ocupado por pessoas que prestavam algum tipo de serviço para essas famílias, mas que não tinham condições de morar em casas de grande porte e foram, dessa forma, construindo moradias de menor porte, dando origem às comunidades locais.

Uma das comunidades a me chamar mais atenção, foi também a primeira na qual eu fui levada para conhecer, é a Povo Guerreiro. Chegar lá é relativamente fácil, basta entrar por uma das ruas de acesso, que são bem movimentadas, principalmente no horário de pico. Contudo, sua identificação não é tão fácil assim. Uma das entradas do local é escura, sem iluminação pública, com um amontoado de lixo no que parece ser um lixão improvisado e paredes sujas que conotam certo abandono por parte do poder público com a comunidade. Nessa entrada também é possível ver, em dias de

lavagem de roupas, diversas roupas penduradas em um "varal" improvisado: talvez essa seja a única denúncia de que ali, naquele mini-beco reside uma das comunidades mais antigas do bairro. Já a outra entrada é mais visível, com um pequeno comércio vizinho, iluminação adequada e a entrada do beco um pouco mais larga. Nesse lado há também uma extensão da comunidade: a calçada em frente! Lá há um "banco" e outro volume acumulado de lixo. É nesse banco o ponto de encontro do fim de tarde da comunidade: mulheres sentadas, crianças correndo na calçada e jovens escutando músicas do estilo *funk* próximo ao local.

A rua como reprodução da vida cotidiana alimenta laços de amizade e parentesco, conferindo ao cotidiano das comunidades um aspecto singular no contexto da cidade. Meninos e meninas, jovens e adultos transformam ruas, becos e vielas em verdadeiras salas de estar, territórios de convivência, lazer, estudo, disputas e namoro. Tais vivências diferem bastante do isolamento, da impessoalidade e da desconfiança que permeiam as relações na cidade, em que vizinhos de porta a porta não se cumprimentam e muito menos conversam. (RODRIGUEZ, 2013, p. 54-55).

Esse espaço extensão da comunidade chama atenção por ter sido o único observado até o momento com essas características apontadas por Rodriguez (2013): parece ser a praça que não existe, o espaço de sociabilidade e interação, uma sala de estar. É nele que se reúnem mulheres e crianças, que ocorrem as comemorações nos fins de semana e onde crianças, idosos e os cachorros, tão característicos da comunidade, se reúnem todos os dias, em uma interação muito parecida com a abordada por DaMatta (1987), onde a rua é a extensão da casa, onde o público e o privado se misturam e onde a dualidade do indivíduo-pessoa se objetiva.

Ao adentrar ao local à primeira coisa que me chamou a atenção foram os aspectos físicos: o cheiro é horrível, uma mistura de esgoto com lixo, mesmo não havendo volumes de lixo espalhados pelo local, o cheiro me acompanhou de uma ponta a outra da comunidade; as casas são muito simples, algumas sem janelas e com apenas uma porta; todas gradeadas; a cor predominante é escura com paredes sujas e desgastadas pela ação do sol e da chuva; e, muitos cachorros espalhados ao longo do caminho (em alguns momentos é preciso "pular" por cima de algum cachorro que ocupa o corredor impedindo o deslocamento). Passar pela comunidade de dia ou de noite é um desafio vencido, quase que exclusivamente, pelos seus moradores, por alguns moradores do bairro que usam a comunidade de atalho e pelos usuários de drogas, principalmente crack e cocaína. Em seus 1,80 metros de largura, rua, calçada e quintal se misturam, formando uma extensão da casa, tanto em relações sociais (DAMATTA, 1987) como em utilização do espaço físico.

Visualmente as comunidades do bairro pouco se diferem das demais comunidades periféricas da Cidade: sem acesso à saúde, saneamento básico, iluminação pública adequada, isto é, lugares onde a reprodução da vida ocorre na adversidade. De fato, é nítido que ao adentrá-las parecemos ter saído do bairro Benfica tamanha é

a diferenciação da infraestrutura entre o bairro e as comunidades. As dificuldades de acesso aos serviços de infraestrutura urbano, somado a fatores como: menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência, discriminações diversas, dificuldade no acesso ao sistema de justiça, etc.; são características que acarretam em uma segregação urbana, um dos elementos mais brutais da desigualdade social (MARICATO, 2003).

A comunidade da Realeza passa despercebida aos olhos mais atentos pois suas entradas são estreitas e sem nenhum indicativo de que ali, no que parece ser um terreno abandonado, haja uma comunidade. O local é formado por várias dessas entradas, e, em apenas uma delas, é possível ver casas que formam uma vila. Ao adentrar um mundo se abre: entradas estreitas dão lugar a um terreno amplo ocupado por casas de alvenaria e outras no estilo “barraco”, pequenas habitações de madeira ou material de demolição, coberta de palha, telha ou zinco, geralmente construído em morros e favelas. São casas muito simples, rústicas e com instalações precárias; esgoto a céu aberto - há uma espécie de córrego de esgoto que cruza a comunidade de ponta a outra - sem iluminação e calçamento adequadas; muitos cachorros e gatos, crianças correndo brincando e moradores sentados nas calçadas. Em uma das entradas também é possível ver o lixo acumulado e o cheiro de chorume invadindo o local.

Algumas dessas comunidades foram destaques nos bailes funks da década de 90, quando a criminalidade em Fortaleza se organizava em torno de gangues e galeras, e, a partir dessa organização, marcava territorialmente a Cidade em disputas que tinham os bailes como arenas dos enfrentamentos (DIÓGENES, 1998). Uma das comunidades destaque desse momento foi a Maresia por ter sido o local de surgimento de uma das grandes gangues que já existiu no bairro. Por conta disso, a narrativa sobre a história desse local é sempre permeada por muitos detalhes e conflitos que mostram a grandiosidade do local outrora.

Nos aspectos físicos, esta é a comunidade que menos tem um perfil de abandono por parte do poder público: tem iluminação pública, saneamento básico e não costuma ter conflitos com a polícia. A única coisa que visualmente a poderia marcar e identificar como uma comunidade periférica é a presença, sempre constante, de lixo acumulado que causa uma sensação de abandono e mal cheiro. É ainda a comunidade mais aberta, pois é a única que não é composta por becos estreitos e sim por ruas largas e urbanizadas. Em sua paisagem é possível observar casas com grandes terrenos, antigas e muitas árvores.

A comunidade Sumaré é um complexo de pequenas ruas com duas entradas distintas. Lá também, como nas demais comunidades, há a predominância de famílias morando, com larga presença de crianças e idosos. Ao chegar no local, nos deparamos com uma comunidade pacífica, harmônica e com relativa infraestrutura, que, nas narrativas, sempre esteve relacionada a roubos e furtos. As casas são variadas, havendo a presença tanto de “barracos” como de casas de alto padrão.

Chama a atenção no local a quantidade de pequenos comércios, enquanto nas outras comunidades é possível observar um ou dois empreendimentos locais, aqui há vários tipos de empreendimentos como salões de beleza, mercadinhos e lava jato.

Por fim, a comunidade Estrela que é considerada pelos interlocutores como a mais perigosa do bairro. Esse receio por parte deles é tanto que foi o único local que, ao longo da pesquisa, eu não consegui adentrar. Apesar das minhas inúmeras tentativas de ser levada até o local - eu fui severamente desencorajada a ir sozinha - eu sempre escutava como justificativa que lá ninguém poderia garantir minha segurança. Diante disso, a única descrição que tenho dela é que ela é a menor de todas as comunidades, composta apenas por um longo beco, sem ruas e saídas e fechada na entrada com um portão de ferro.

5 | CONCLUSÃO

Ao andar pelo bairro, é possível observar suas diversas fases de ocupação marcadas nas fachadas das casas, bem como nas características populacionais apontadas pelos dados oficiais. Muitos moradores antigos, anteriores a chegada da UFC, permanecem no bairro em casas de arquitetura antiga, com frondosas árvores na entrada. Em algumas ruas é possível observar árvores no meio da rua, onde outrora, sem dúvida, deveria ter sido uma chácara. Essas características de um Benfica tradicional misturam-se com a construção, cada vez mais constante, de moradias de pequeno porte (chamados quitinetes), casas coletivas (estilo repúblicas estudantis) e a agregação de jovens vindos dos mais diversos locais, em especial da África buscando aqui uma especialização. No entanto, apesar do avanço desse tipo de moradia, o Benfica é ainda um bairro formado predominantemente por casas.

Esse artigo buscou compreender e problematizar um bairro diversificado, boêmio, estudantil e aristocrático por um lado, e, por outro, com comunidades empobrecidas do ponto de vista econômico e social; perpassado por um cotidiano impactado pela reorganização do crime e por uma sociabilidade peculiar a esse universo, que se objetiva no aumento da violência urbana e na conseqüente sensação de insegurança, como um dos ecos mais significativos da violência (FREITAS, 2003).

O bairro Benfica é central e de classe média com comunidades com características periféricas e, exatamente por isso, em um conflito constante, perpassado por dualidades, que refletem o Benfica de ontem e de hoje e que se expressam na diversidade de usos que os atores sociais fazem dos espaços; e na infraestrutura observada ao longo do território.

As comunidades que se espalham ao longo do bairro têm características comuns entre si e são compostas, em sua maioria, por famílias que moram no local a bastante tempo e que convivem cotidianamente com a ausência de direitos sociais como o acesso à saúde, à educação e ao consumo cultural; além de manterem uma relação

tensa seja com o crime, seja com a polícia.

As segregações espaciais no bairro, em especial nas comunidades e as suas condições precárias, afetam não apenas a forma em que se vive na cidade, mas também, o sistema de relações sociais que se entremeia no e sobre o espaço urbano, incidindo sobre a fragmentação socioespacial da interação social e na conformação de espaços diferenciados de sociabilidade. Esta é a condição segregada que marca um bairro cortado por periferias e problemas sociais.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Irllys Alencar F. “Vazios” e “misturas”: classificações socioespaciais sobre o centro da cidade. In: **Etnografias na Cidade**: redes, conflitos e lugares. Campinas: Pontes Editora, 2016, p. 17-43.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura e da violência**: Gangues, galeras e o movimento hip hop. 1998. 381p. Tese (doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1998.

FREITAS, Geovani Jacó de. **Ecossistemas da Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

IVO, Anete B. L. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. **Caderno CRH**, Salvador, v. 23, n. 58, p. 9-15, Jan./Abr. 2010.

MAGNANI, José Guilherme; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). **Jovens na Metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARICATO, Ermínia. Metrópole, legislação e desigualdade. In: **Estudos Avançados**, 17 (48), 2003, p. 151 – 167.

MORAES, Suiany Silva de. **Medo, violência e insegurança**: tramas e trajetos no cotidiano do bairro Benfica Fortaleza - CE. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Curso de Ciências Sociais, Fortaleza, 2015, 97 p. (MIMEO).

_____. **“Eu nunca tinha escutado falar sobre favela no Benfica”**: conflitos sociais e mercados ilícitos em um bairro universitário. 2018. 122p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos. Patrimônio e memória local: o estado da arte do inventário de referências culturais do bairro Benfica. In: **Revista Trajetos**, Fortaleza, v.7, n. 13, 2007.

PEQUENO, Luiz Renato Bezerra (Org.). **Como anda Fortaleza**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2009.

PEREIRA, Ilaina Damasceno. **Lugares no Bairro**: uma etnografia no Benfica. Universidade Federal do Ceará: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008, (Mimeo).

_____. **Identidade de lugar no Benfica**: Distinção, discurso e divisão simbólica no bairro. *GeoTextos*, vol. 5, n. 2, dez 2009, p. 49-66.

REVISTA **Fortaleza 2040**. Fortaleza: Edições IPLANFOR – Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2015,

122p.

RODRIGUEZ, Andrea. **Labirintos do tráfico**: vidas práticas e intervenções – em busca de saídas possíveis. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

VELHO, Gilberto. **Um Antropólogo na Cidade**: ensaios de antropologia urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SOBRE O ORGANIZADOR

Willian Douglas Guilherme - Pós-Doutor em Educação, historiador e pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-267-8



9

788572 472678